Documentação

AMAZÔNIA Símbolo de preservação, grupo usa manejo comunitário para enfrentar o baixo preço da borracha

Seringueiros passam a explorar madeiras

ALTINO MACHADO da Agência Folha, em Acrelândia (AC)

Seringueiros, símbolos da preservação das florestas da Amazônia, decidiram trocar o extrativismo da borracha para ingressar no mercado internacional de madeiras tropicais.

A retirada do primeiro lote de madeira começou na semana retrasada no Projeto de Assentamento Extrativista Porto Dias, com 22 mil hectares, em Acrelândia (160 km de Rio Branco-AC), na fronteira com a Bolívia.

O manejo comunitário (sem devastação da floresta) em Porto Dias é uma experiência inédita no país. Está estimado em US\$ 460 mil. Trata-se de um projeto do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, financiado pelo G-7 (grupo dos sete países mais ricos), que já destinou US\$ 210 mil à experiência.

O manejo de uso múltiplo da floresta foi concebido pelo CTA (Centro dos Trabalhadores da Amazônia), organização não-governamental da qual Chico Mendes foi um dos fundadores. O uso múltiplo inclui, além da madeira, a exploração de óleos, resinas e sementes encontrados na floresta.

Nos próximos 30 anos, dez famílias de seringueiros vão explorar uma área de 3.000 hectares, retirando por ano 1.000 m3 de madeiras de espécies diversas. Até resíduos dos galhos com diâmetro superior a 20 cm serão aproveitados.

A madeira será beneficiada e comercializada junto com objetos confeccionados em uma serraria (chamada de usina de artesanato industrial) a ser montada.

Chico Mendes

O ingresso dos seringueiros na exploração madeireira é o passo mais ousado desde o assassinato do ecologista Chico Mendes, ocorrido há nove anos em Xapuri (AC).

Fustigados pelo baixo preço da + borracha (R\$ 0,60 o quilo), eles querem provar que a exploração manejada de um hectare de floresta rende mais dinheiro que a mesma área ocupada com gado ou culturas de curto ciclo.

O m3 de madeira da Amazônia varia de US\$ 3,70 a US\$ 2.921,00, dependendo de quem vende e do valor que se agrega ao produto com seu beneficiamento (como, por exemplo, transformar a tora em prancha de madeira). No Acre, o m' das pranchas é vendido, em média, a R\$ 150,00. Com a exploração, os seringueiros vão arrecadar pelo menos R\$ 150 mil ao ano.

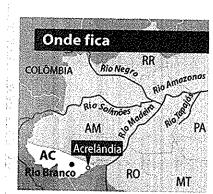
"Meu pai contava que o seringal Porto Dias chegava a produzir 30 t de borracha", disse o seringueiro Nilton Pereira de Souza. A produção mencionada, incapaz de competir com o preço da borracha do sudeste asiático, vale hoje R\$ 18 mil, mas não existe comprador.

Até abril do próximo ano, a madeira retirada pelos seringueiros será oferecida ao mercado em leilão eletrônico do Banco do Brasil.

A Associação dos Seringueiros de Porto Dias pleiteia na ITTO (Organização Internacional de Madeiras Tropicais), sediada em Tóquio, a aprovação de um projeto de US\$ 160 mil para montar a usina de artesanato industrial.

Nos próximos três anos, os seringueiros esperam aumentar em pelo menos 25% o preço da madeira de Porto Dias. Segundo eles, isso pode ocorrer porque os países membros da ITTO são signatários do compromisso de que, a partir do ano 2000, o mercado absorverá apenas a madeira com certificado de origem, assegurando que o produto é oriundo de área manejada, sem devastação de florestas.

O CTA, fundado em 83 por Chico Mendes e pesquisadores ligados ao PT, adequou projetos de educação e saúde à realidade das reservas extrativistas. Treina 54 professores leigos seringueiros, produz material didático e supervisiona 37 escolas no interior da floresta.





Seringueiro corta árvore do projeto de manejo florestal do Centro de Trabalhadores da Amazônia

Especialistas vêem falhas

em Acrelândia (AC)

O pesquisador Phillip Fearnside, do Departamento de Ecologia do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), teme que a experiência dos seringueiros agrave os estragos ambientais causados pela exploração madeireira.

"É preocupante que o manejo florestal possa se estender às reservas extrativistas, que foram áreas criadas para preservação", diz Fearnside.

Para ele, o problema no futuro será "controlar os seringueiros, quando o volume de madeira chegar ao limite".

No princípio, segundo o pesquisador, o estoque original é lucrativo porque estará sendo manejado um volume acumulado em centenas de anos.

Outro problema, segundo Fearnside, é que a madeira da Amazônia (com exceção do mogno) tem menor valor comercial do que a que é explorada, por exemplo, na Malásia. "Nem tudo o que nascer na

área dos seringueiros terá valor comercial", diz ele.

Mas ele concorda que o manejo de madeira seja aplicado de forma moderada até que se-

ja possível alterar a base de renda das populações tradicionais da Amazônia. Acha, porém, que o melhor investimento seria manter a floresta intocada.

"A manutenção da biodiversidade biológica constitui um serviço ambiental que os beneficiários, em diferentes parte do mundo, podem estar dispostos a pagar", afirma ele.

Produtividade

Outro crítico do projeto é Paulo Kageyama, especialista em genética e conservação de florestas tropicais.

Ele sugere a criação do que chama de "Ilhas de Alta Produtividade" nos antigos roçados, para melhorar a produtividade das seringueiras.

"Essa é uma alternativa para a melhoria do extrativismo, sem ferir os princípios das reservas (uso e real conservação da biodiversidade)."

O pesquisador considera que propostas de manejo como a do CTA são bastante avançadas em relação à exploração desregrada feita atualmente pelas madeireiras. Ele também critica o fato de que a biodiversidade não seja um ponto importante no manejo da madeira. (ALTINO MACHADO)

"Eles correm contra o tempo"

da Agência Folha, em Acrelândia (AC)

O engenheiro florestal do CTA Francisco José de Barros Cavalcanti, 39, foi quem planejou a experiência de Porto Dias.

Graduado como mestre em manejo florestal pelo Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), trabalhou em vários projetos idealizados por Chico Mendes.

Agência Folha - Por que o CTA decidiu envolver seringueiros na exploração da madeira?

Cavalcanti - Os seringueiros correm contra o tempo. Sabem que é necessário estabelecer prioridades para assegurar logo a manutenção da floresta em pé, por

meio de seu próprio uso. Agência Folha - Como isso pode

Cavalcanti - Quando uma espécie sobressai comercialmente, ela é "domesticada" (levada para ser cultivada em outro país), e a Amazônia perde competitividade. Aconteceu com o cacau, com a seringueira e com a pupunha. Dentre os produtos da floresta, a madeira é o mais estudado, de major quantidade natural, um dos de maior liquidez e mais valiosos.

Agência Folha - Converter seringueiro em explorador de madeira pode ser considerado aberração?

Cavalcanti - A falta de fé na floresta remonta ao homem que desmatou pela primeira vez para cultivar alguma planta. O estigma da atividade madeireira permeia a opinião pública. A floresta está pronta. Basta respeitar as técnicas e as leis. Aberração é derrubar a floresta para fixar monoculturas.

'A floresta é rica como um banco'

da Agência Folha. em Acrelândia (AC)

O seringueiro aposentado Irênio José do Nascimento, 66, que passou 50 anos extraindo o látex na floresta Amazônica, no Acre, vê com entusiasmo o manejo florestal no Projeto de Assentamento Extrativista Porto Dias.

"A floresta parece um banco, pois é muito rica", diz ele, que está fora do projeto, mas tem dois filhos que vão participar.

"Acho que eles vão viver melhor do que eu", afirma Nascimento.

Um de seus filhos é Adalberto Pereira do Nascimento, 37, tesoureiro da Associação dos Seringueiros de Porto Dias e agente de saúde, que manuseia fórmulas homeopáticas com essências retiradas da floresta.

Ele acha que o projeto será viável economicamente. "Os recursos são a fundo perdido, mas cada participante terá de devolver à associação os investimentos.'

Adalberto diz também deve aumentar o número de moradores na área. Segundo ele, isso vai acontecer quando as dívidas forem quitadas, com a venda da madeira, possibilitando o financiamento de mais seringueiros.

Os seringueiros já substituíram três tradicionais estradas usadas pelos seringueiros em seu trabalho por 30 estradas de manejo. Os 60 km de antigos varadouros (caminhos que cortam a floresta) foram alargados em mutirão, e receberam 19 pontes de madeira.

Elas dão passagem ao "jerico" (trator) da associação que está sendo usado na retirada de madeira. Em cada estrada de manejo, de 10 hectares, existem em média 350 árvores, de quase 300 espécies.



Seringueiros empurram árvore do primeiro lote de madeira retirado do assentamento extrativista de Porto Dias, em Acrelândia (AC)